

A menos de 17 meses da eleição, Brasília começa a viver um clima de disputa pela sucessão do governador Cristovam Buarque. A cada evento particular ou público, nomes são lançados, promessas são feitas e críticas são desferidas contra os potenciais adversários. Quem deveria ser eleito em outubro de 98? Esta foi a pergunta que o *Jornal de Brasília* fez a representantes de três grupos políticos de Brasília. O deputado Chico Vigilante (PT) explica por que defende a reeleição de Cristovam Buarque. "O processo de mudança não pode ser interrompido. O Buriti não é mais um escritório de negociações", afirma o parlamentar. Já o líder do PMDB na Câmara Legislativa, deputado Tadeu Filippelli, mostra por que quer a volta de Joaquim Roriz ao Buriti. "Ele vai criar 120 mil empregos e trabalha para que o partido venha apoiar as reformas do presidente Fernando Henrique Cardoso", argumenta o distrital, alfinetando o PSDB, partido do presidente. "A sociedade não aceita mais radicalismos, nem de esquerda, nem de direita. Em Brasília esse modelo também está esgotado", rebate o deputado tucano Peniel Pacheco em seu artigo, apresentando os quatro nomes do PSDB para a disputa eleitoral do próximo ano. Seja com quantas vias existirem até outubro de 98, o certo é que a corrida sucessória já está nas ruas.

Com Roriz, o povo elege as prioridades

Sou Roriz sobretudo porque ele é democrata, um grande humanista e gosta dos pobres, ao contrário de outros pretensos candidatos ao palácio do Buriti em 1998 que andam soltos por aí. A forma de administrar do ex-governador é lembrada com muita saudade pela população do Distrito Federal. Nada era decidido sem que antes fosse realizado um amplo debate entre o governo e a comunidade. E as decisões do povo sempre foram respeitadas.

O governo itinerante - copiado pelo PT dentro de um formato burocrático e batizado de governo participativo - foi um modelo de administrar imprimido com sucesso pela administração Roriz. Nele, o povo reivindicava, através de representantes eleitos democraticamente, e decidia as prioridades que deveriam ser atendidas pelo governo.

Recordo-me muito bem como era importante a presença do ex-governador Roriz nessas reuniões do governo itinerante. A participação dele, tendo ao lado todo o primeiro escalão do GDF, durante um dia inteiro, constituía-se, principalmente, num fator inibidor contra o apadrinhamento de reivindicações, como ocorre hoje com o governo participativo. Um clone mal produzido do

governo itinerante.

A liderança e o carisma do ex-governador são duas qualidades que o diferenciam quilometricamente dos nomes que aí estão sonhando com o Buriti no ano que vem. O episódio recente da invasão do Ministério do Planejamento, por exemplo, que abriu uma crise entre o Governo Federal e o local, é prova inequívoca de que esse governador que aí está não tem autoridade nem controle sobre a administração local. É somente o governador de frases de efeito. Governador que gasta milhões com propaganda para enganar a população e que tem como diversão principal humilhar o servidor público.

A trajetória política e o modelo de administração do ex-governador estão, na realidade, muito acima da história política dessas figuras miúdas que se apresentam como adversários no atual cenário político local. Nessa última semana tivemos um exemplo da competência e sensibilidade política de Joaquim Roriz.

Depois de realizar duas reuniões históricas em sua casa com a cúpula do PMDB, conseguiu o que ninguém acreditava: unir as diversas correntes do PMDB, abrindo assim uma larga aveni-

Roriz realizou mais de três mil importantes obras no DF e deixou o metrô com 70% de suas obras concluídas

TADEU FILIPPELLI

da para que o partido venha apoiar as reformas do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Buscar apoio para FHC, aliás, deveria ser também tarefa e responsabilidade dos tucanos locais, que, preocupados com a eleição para o Buriti em 1998, não encontram tempo para defender a figura maior do PSDB. Isso, na verdade, não chega a surpreender porque tem sido exatamente o PMDB de Roriz o maior defensor de FHC no DF. Na verdade, o namoro promíscuo entre os tucanos e petistas passa por cima de FHC.

A população do DF em 1988, tenho certeza, vai saber referendar nas urnas o nome daquele que teve a coragem de acabar com as 68 favelas espalhadas por toda cidade. Sem violência, e respeitando a dignidade das pessoas, ao contrário desse governo do PT e do Sr.

Cristovam que usa a polícia e os tratores contra os pobres. Ainda bem que esse governo e como catapora, só dá uma vez.

Roriz é um tocador de obras. Realizou mais de três mil importantes obras em todo o DF. Deixou o metrô com 70% de suas obras concluídas, e se não teve uma grande política para o servidor público, pelo menos não roubou direitos adquiridos e nem deixou de pagar o décimo terceiro para a categoria como faz o governo do PT.

Estão aí algumas razões por que eu, e com certeza mais de 50% da nossa população, somos Roriz. O retorno de Roriz significa a volta do respeito ao povo de Brasília e uma nova onda de desenvolvimento na cidade. Não esqueçamos que Roriz enfrentou o período de governo mais difícil da história do DF.

Na gestão dele ocorreu a retirada de Fernando Collor da presidência e a CPI dos anos. Dois fatos que pararam o Brasil por quase dois anos, e que quase atingiram de morte a capital da República, que depende do governo

federal para sobreviver.

Roriz, no entanto, resistiu a tudo. Deixou o governo com mais de 60% de aprovação. Hoje, mesmo magoado com a traição daqueles que se fizeram no seu governo e que agora atiram pedras e até criticam os assentamentos, Roriz bota novamente o



Marcos de Oliveira

pé na estrada.

Anuncia que vai criar 120 mil empregos, transformar a região que engloba Taguatinga, Ceilândia e Samambaia num grande e moderno pólo de desenvolvimento e consumo e trazer de novo a paz e a segurança para o DF. E, para isso, ele não precisa usar maquiagem para enganar ninguém, como uns personagens que circulam por aí.

■ Tadeu Filippelli é deputado distrital e líder do PMDB na Câmara Legislativa